



QUINTAL

A CASTELINHO FUNCIONA EM UMA CASA EM CEILÂNDIA. IMÓVEL SOFREU ALGUMAS ADAPTAÇÕES, MAS NÃO PASSOU POR REFORMA COMPLETA. HOJE, O QUINTAL DA CASA É O PARQUINHO DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

E a casa virou escola

162

O Correio esteve em três escolas nesta situação, em Ceilândia, Samambaia e Gama, todas de educação infantil. “Eu já tentei regularizar, mas era muita burocracia. A Secretaria de Educação nunca está satisfeita. O trabalho deles é encontrar defeito na escola”, revelou a proprietária da Recreação Infantil Escola Castelinho, que identificou-se apenas como Marisa.

Ela também preferiu não dizer quantas turmas estão abertas atualmente, nem as idades dos alunos. Mas a instituição, na QNN 1 de Ceilândia Norte, também é voltada para crianças com até seis anos. São mais de 120 estudantes, acomodados durante o dia nas instalações da casa de Marisa. A mensalidade varia entre R\$ 80 e R\$ 90, por meio período.

A empresária chegou a reformar o espaço há quatro anos, quando tentou legalizar o colégio pela primeira vez. Mas não

“
**A SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO NUNCA
ESTÁ SATISFEITA. O
TRABALHO DELES
É ENCONTRAR
DEFEITO**
”

*Marisa,
proprietária da escola
Castelinho*

conseguiu arcar com as despesas e optou por fechar. Após três anos parada, ela resolveu reabrir a escola, mas não voltou a procurar o governo. E somente este ano registrou a empresa e assinou a carteira de trabalho das professoras. “Nós, os pequenos, precisamos de apoio. É

muito difícil cumprir todas as exigências e manter um preço razoável. Se eu fechar, vou deixar mais de 100 mães sem ter o que fazer. São trabalhadoras que não têm onde deixar seus filhos”, apela.

O caso da escola Castelinho é o mais comum. De acordo com a subsecretária de Planejamento e Inspeção de Ensino, Dora Viana, a maioria dos problemas enfrentados pelos donos dessas escolas ocorre porque o negócio é aberto antes da emissão da portaria de credenciamento. Pela lei, as empresas só poderiam funcionar depois da permissão ser publicada no *Diário Oficial do Distrito Federal*. Na prática, não funciona assim. “Muitas vezes é até ingenuidade, não má-fé”, observa Dora Viana.

**LEIA MAIS SOBRE ESCOLAS
CLANDESTINAS NA**

PÁGINA 30